



FAPAC - FACULDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS
INSTITUTO TOCANTINENSE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS PORTO LTDA
FACULDADE DE ENFERMAGEM

FERNANDA SOARES DOS REIS

SEXUALIDADE FEMININA: SOCIEDADE, VISIBILIDADE E EXPRESSÃO

PORTO NACIONAL – TO

2017

FERNANDA SOARES DOS REIS

SEXUALIDADE FEMININA: SOCIEDADE, VISIBILIDADE E EXPRESSÃO

Artigo apresentado ao Curso de Enfermagem da FAPAC – ITPAC Porto, como requisito parcial para obtenção de nota na disciplina de TCC – II.

Área: Ciências Sociais

Orientadora: Prof. Dra.º Lorena Dias Monteiro

Coorientador: Dr. Adriano Castorino

PORTO NACIONAL – TO

2017

FERNANDA SOARES DOS REIS

SEXUALIDADE FEMININA: SOCIEDADE, VISIBILIDADE E EXPRESSÃO

Artigo apresentado como requisito para aprovação
na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso - 2.
Professora orientadora: Dra.º Lorena Dias Monteiro.
Coorientador: Dr. Adriano Castorino

Data da defesa/ entrega: 28 de nov. de 2017

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA

Lorena Dias Monteiro, Doutora em Saúde Pública
Presidente e orientadora: nome e título

Gleys lally Ramos, Doutora em Geografia
Membro titular: nome e título

Edmilson Andrade Reis, Mestrando
Membro titular: nome e título

Porto nacional
2017

RESUMO

A presente pesquisa trata de um exercício autobiográfico no qual a pesquisadora, a pesquisa e a metodologia se fundem num único sujeito de estudo. Com a perspectiva de tratar a singularidade que é a sexualidade feminina foi traçado um longo e quase sempre repetido percurso, pois as histórias de vida são construídas num emaranhado de outras histórias que denotam sempre a dimensão complexa das relações e interações humanas. Com o objetivo de evidenciar a forma pela qual se dá a formação conceitual da sexualidade feminina, incluído os tabus que operam os sentidos da sexualidade da mulher e evidenciam a produção de sentidos, realizei uma narrativa autobiográfica. Para isso foi contada a minha trajetória como mulher, desde a mais tenra idade até a vida adulta, na qual fui desvelando outros elementos como o fato de ser negra, pobre, vítima de abuso sexual na infância e na vida adulta, e que agora sigo um caminho em busca de desvencilhar – me dos preconceitos que me submeteram a crer que os agressores tinham razão e eu por ser mulher era culpada das minhas atitudes. Esses dados permitiram uma reflexão ampliada por outras histórias que li no livro “A vida secreta das meninas” e assisti nos filmes: “Anjos do sol” e “Baixio das bestas”. Como resultado do estudo reitero que vivemos em meio a uma cultura heteronormativa, cujo jogo de poder está sendo escamoteado por uma cultura de punição das mulheres como condição para continuar o processo de exploração que não se alterou muito, ainda que as mulheres já tenham conseguido romper com os muros da casa para ascender ao mundo do trabalho. Diante desse cenário é possível considerar que seja urgente que as mulheres possam apropriar-se de suas histórias, corpos e mentes para que repensem a sexualidade não mais como norma, mas como algo intrínseco a nossa própria identidade.

Palavras-chave: Desigualdades de gênero. Regulação social. Idealização feminina

ABSTRACT

This research was done as an autobiographical exercise in which the researcher, the research and the methodology became a single subject of study. With the prospect of treating the uniqueness of female sexuality, a long and almost always repeated course has been made, for the life stories are built in a peace of other stories that always denote the complex dimension of human relationships and interactions. In order to highlight the way in which the conceptual formation of female sexuality takes place, including the taboos that operate the senses of women's sexuality and evidence the production of meanings, I have made an autobiographical narrative. For that, I was told about my trajectory as a woman, from an early age to adult, in which I discovered other elements such as being black, poor, victims of sexual abuse in childhood and adult age, and now I follow a path in search of getting rid of the prejudices that made me believe that the aggressors were right and I being a woman was guilty of my actions. These data allowed for an extended reflection by other stories that I read in the book "The secret life of the girls" and I watched in the films: "Anjos do sol" and "Baixio das bestas". As a result of the study we reiterate that we live in the midst of a heteronormative culture, whose power play is being concealed by a culture of punishment of women as a condition to continue the exploration process that has not changed much, although the women have already been able to break with the walls of the house to ascend to the world of work. Given this scenario, it is possible to consider that it is urgent for women to appropriate their histories, bodies and minds so that they rethink sexuality no longer as a norm but as something intrinsic to our own identity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. METODOLOGIA.....	14
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	16
3.1 Primeiras aproximações com o tema	16
3.1.1 O livro.....	16
3.1.2 Os Filmes.....	18
3.1.3 Refletindo sobre outras perspectivas.....	19
3.2 A vida.....	20
3.3 Reflexões que a autobiografia permitiu.....	26
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36

1. INTRODUÇÃO

A sexualidade, em especial a feminina, vem sendo tratada como uma questão particular, num setor ambíguo no qual de um lado as mulheres não têm espaço para se manifestarem e do outro necessitam escamotear sentimentos e vivências em nome da moral e dos bons costumes apregoados pela instituição familiar. Essa questão ao tomar proporções coletivas torna-se uma questão social e política, que de acordo com Menegon e Silva (2015) são substanciais para entender os mecanismos exercidos pela sociedade sobre as mulheres, os quais são construídos no percurso de toda a vida, de vários modos e jeitos para que se possa compreender como são desenvolvidas as sexualidades e a forma de cada uma ver seu corpo e delimitar o que pode ou não fazer com ele.

Em uma sequência de eventos sobrepostos, a sociedade delimita as ações e posturas que as mulheres devem seguir desde a infância, dando as alternativas as quais acredita ser o modo mais adequado de agir, afirmando que este é o comportamento ideal da mulher. No dia-a-dia, além da responsabilidade pelo cumprimento de papéis externos ao domicílio, cabe-lhes o papel de mãe, provedora do cuidado domiciliar e familiar, além dos “deveres de esposa”, delimitando o direito a opção sexual e de gênero (MENEGON, SILVA, 2015).

Se entendemos que a sexualidade é uma forma de acesso ao corpo das espécies vivas, e que a busca por essa compreensão acabou por reprimir o sexo feminino, então colocamos as mulheres como seres monogâmicos que não possuem apetite sexual e erotismo. Além disso, também limitamos suas atividades, estipulando performances as quais devem praticar, reafirmando uma condição biológica inexistente. A instituição destas performances, as quais as mulheres devem praticar, são evidenciadas pela reprodução e necessidade de domínio sobre seus corpos. Este processo resulta em uma desarbitrariedade entre homens e mulheres, o que, muitas vezes contribui para relações improdutivas, tanto da mulher com seu corpo, como do seu/sua parceiro (a), e enfim com a sociedade.

A improdutividade das relações heterossexuais está muitas vezes relacionada ao fato de o homem, na tentativa de cumprir o seu papel viril e dominador não explorar todas as partes passíveis de prazer no seu corpo e no de sua parceira, encerrando o ato no momento do gozo, privilegiando a

penetração como parte central da atividade sexual, evidenciando uma representatividade do sexo como função biológica e reprodutiva (OCAÑA, 2015).

Uma das formas de emudecer e oprimir as mulheres é a violência simbólica, compreendida como um conjunto de símbolos e representações agressivas e discriminatórias, as quais se apresentam nas mídias, nas escolas, na linguagem, nas leis. O objetivo deste tipo de violência é provocar um silenciamento com uma imposição legítima e dissimulada causando a domínio dos sujeitos, passando muitas vezes despercebida na vida cotidiana. A (des) construção e a (des) qualificação da mulher resulta na opressão, omissão, e violentam a dignidade, retirando seus direitos. Isso passa despercebidamente diante dos olhos da sociedade, caracterizando a naturalização e a banalização, sendo perpetuada de modo silencioso (LIMA e SOUZA, 2016).

A associação da feminilidade a conceitos pré-estabelecidos, podendo citar: sentimentalismo; fragilidade; os afazeres domésticos; geração, criação e educação dos filhos; submissão ao marido; concepção de doenças específicas do sexo feminino associadas a presença do útero e a menstruação ajudam a deteriorar a imagem da mulher. A dominação do corpo da mulher pré-determina comportamentos, deixando-as passíveis de relações frustrantes e do ponto de vista racional e emocional, muitas vezes desnecessárias, já que estas podem não vir a somar individualmente, sendo fruto de desejos inexistentes ou de obrigações. Em muitas situações não se espera que as mulheres queiram sexo. Nesta perspectiva é comum o corpo feminino ser dominado e tomado como objeto de prazeres e posses, não as pertencendo e lhes sendo proibido o uso com finalidade de prazer daquele que lhes sustenta a vida. Deste modo, conforme aponta Ocaña (2015) a sociedade tem assumido o papel de vigiar e punir aquelas que não seguem as normas, utilizando para isto instrumentos hostilizadores e reducionistas do “sexo frágil”. É comum o uso da violência seja ela silenciosa ou não, de palavras degradantes e opressoras para definir ações femininas contrárias aos padrões estabelecidos pela sociedade.

Desta forma surge, como fruto de regulação social uma série de fatores que normatizam, instauram saberes, produzem verdades e controlam atitudes em relação a sexualidade sempre sobre o domínio dos homens. Este procedimento

tornou-se comum entre os homens que utilizam destes mecanismos para assegurar sua virilidade e domínio, que segundo Veloso e Costa (2016), possibilita a prática da ostentação do corpo feminino em público, distorcendo a forma como as mulheres se enxergam, cabendo a eles que a veem dizer quem ela é e o que ela deve fazer.

Um posicionamento extremamente controlador da vida das mulheres se reflete num comportamento que tem por base o conceito machista presente na sociedade:

O machismo estrutural é análogo ao fascismo, ambos fundados na ode à ignorância. O machismo exacerbado e espetacularizado (esse que grita contra as mulheres como gritam os fascistas contra quem eles odeiam) é a continuação do machismo estrutural. A violência simbólica e física contra as mulheres tem tudo a ver com isso. Ela está autorizada na cultura da desfaçatez machista cujos sacerdotes atuais são os administradores da ignorância, que espargem em sua cusparada ideológica a naturalização da violência (TIBURI, 2015).

Uma vida repleta de regras e um corpo cheio de marcas de inferioridade, exclusão e subordinação impede o rompimento de “atitudes corretas” e obediências, resultando em uma desigualdade de gêneros e uma ambivalência de identidades gerando assim questões sociais tendo em vista que ocorre uma desigualdade de direitos.

A sexualidade é importante para o desenvolvimento porque é fundamental às pessoas. Além disso, é necessária porque os silêncios, tabus e expectativas da sociedade em relação ao sexo reforçam estereótipos de gêneros inúteis, estigmatizando decisões contrárias e produzindo uma série de barreiras à sexualidade feminina (MESQUITA e ALMEIDA, 2016).

O determinismo de gênero, de acordo com Moraes (2015) é o principal definidor do comportamento feminino no quesito sexualidade e muitas vezes leva à permissividade para os homens e intransigência para as mulheres. Ele demarca as escolhas e a tomada de decisões. Isso implica em tudo na vida da mulher, desde fatos cotidianos, como o que vestir, o que calçar, como usar seus cabelos e unhas, do formato de seus corpos, o formato de suas curvas, quanto deve pesar até definições de suas personalidades, como pensar, o que fazer, como se portar em

sociedade, os papéis que deve assumir. Esse padrão permite aos homens ter o poder e o domínio sobre o corpo das mulheres, dando-lhes significado de “objetos”, o que designa a eles o poder de trata-las como meras “coisas”, manipuláveis, sobre as quais exercem posses. Sendo então, “refutável, estando em disputa e disputável, produtor e produto de discursos” (CAETANO et al, 2016).

Aqui reside, talvez, o traço mais perverso da violência contra as mulheres: o domínio do corpo das mulheres. Esse domínio, reitero, é tão forte e sutil na elaboração porque conta com o panteão sagrado no qual é a imagem do homem que é associada ao sagrado (CASTORINO, 2015).

A vida feminina está cercada de uma série de tabus, mitos, preconceitos, estereótipos e crendices populares os quais concebe a sua sexualidade como algo sujo, pecaminoso e proibido se essa sexualidade for praticada fora do casamento. Como consequência disso têm-se mulheres que não gostam de seus corpos e não são satisfeitas consigo mesmas por não se enquadrarem nos modelos pré-determinados, como por exemplo, não se enquadrarem para terem a orientação sexual “ideal”. Podendo acarretar de acordo Silva e Oliveira (2016) com uma série de problemas de cunho familiar e social, prejudiciais para seu bem-estar físico, emocional e psicológico.

Morais, (2015) fala que a construção simbólica do corpo feminino e a execução de papéis sociais historicamente estabelecidos, produzem efeitos como se verdades fossem. No entanto nem sempre paramos para pensar que nem todas nós temos esses desejos ou sequer gostamos de viver sob o domínio de quem quer que seja. É um direito de todas decidir que rumos tomar, e principalmente, decidir sobre seus corpos e como os manter.

Como mecanismo para justificar a vasta quantidade de desumanidades e opressões praticadas contra as pessoas do sexo feminino, a mulher foi concebida como um ser doente por sua própria natureza.

Aliando a isso a consagração da histeria feminina e do descontrole, as paixões, a sensualidade, a inevitável maternidade como futuro certo das mulheres, acalentadas por serem formas de expressão da presença do útero e dos seios em seus corpos (MENEGON, 2015).

Não se fala abertamente de sexualidade, prevalecendo como algo natural ao ser humano como mecanismo de reprodução, limitando-se a uma visão biológica e mecanicista extinguindo o erotismo e a sensualidade. Assim, a pessoa é ensinada a sentir desejo por um órgão genital diferente do seu, ela tira o direito ao prazer sexual, em especial, às mulheres, já que estas são as mais sujeitas e passíveis de tais atividades, tendo por base os fatores socioculturais presentes. Compor essa “produção de verdades, acaba por gerar uma patologização de gêneros, em que é normal a lógica heteronormativa, gerando a invisibilidade dos corpos e a experimentação destes” (SEPULVEDA, et al, 2016).

A heteronormatividade possui a função de regular os modos de ser e viver os desejos corporais e a sexualidade, considerando para isto o que está socialmente estabelecido para as pessoas. Leva em consideração a biologia e determina as possibilidades de locação das pessoas quanto a anatomia sexual: ou se é fêmea ou se é macho. É tomada como parâmetro de normalidade em relação à sexualidade, constituindo como norma e como normal a atração e/ou o comportamento sexual entre indivíduos de sexos opostos.

O determinismo biológico serve para justificar desigualdades e brutalidades sociais e de gênero e constitui uma forma de designar relações de poder, além de ser um dispositivo que promove a homofobia como reguladora da sexualidade e de comportamentos, um dispositivo de vigilância (SEPULVEDA et al, 2016).

Castro (2015) alerta para a permissividade sociocultural que tem como consequência o desprezo pelo sexo feminino, considerado frágil, silencioso e omissivo, culpabilizando estas pelas injustiças que sofrem, resultando na permanência de tais padrões que criam obstáculos à realização da cidadania e promovem a violação dos princípios de dignidade. O “ideal de mulher”, como essência implica em termos de poder uma relação benéfica ou maléfica.

A aceitação do corpo feminino pela mulher e pela sociedade tem sido um dos lemas de diversos movimentos em prol da igualdade da dignidade da mulher. Quando elas negam a si mesmas, na tentativa de se enquadrar em medidas burlescas de estereótipos estabelecidos por uma sociedade hipócrita, podem de acordo com Mesquita e Almeida (2016) entrar em crises profundas, por não conseguirem entender quem são, e assim perdem suas noções de identidade. “Ao

se falar em sexualidade feminina, deve-se observar como as mulheres falam de si, como veem-se, os princípios e regras que elas têm sobre seus corpos, como expressam-se” (VELOSO e COSTA, 2016).

Mas falar de mulheres, entretanto não é somente explicitar opressão, violência, abandono por parte da sociedade de leis e civil. Falar de mulher é sinônimo de obstinação, sendo elas as responsáveis por grandes transformações culturais, sociais e políticas. Não uma superação de simples barreiras e sim uma superação de ideologias que surgem diariamente nos seus caminhos como forma de empecilhar sua árdua jornada diária, uma luta contra a acomodação de ideias recriminatórias e repressoras que estão presentes aos gritos ou silenciosamente nos diversos âmbitos da coletividade.

Elas cruzam as fronteiras, com ou sem permissão, são donas de si e de suas vidas e nos dias atuais são multitarefas, já que possuem a capacidade de assumir diversos papéis na sociedade, executando tanto aqueles que lhe foram impostos como aqueles que escolheram seguir. Apesar das desigualdades de gênero e dos impedimentos impostos por um povo machista elas vão à luta por igualdade e equiparação em diversos âmbitos da vida social e familiar. A mulher já não é somente o sexo frágil, é também a fonte que sustenta a família e consegue sozinha corresponder às expectativas nos papéis que assumem (MESQUITA e ALMEIDA, 2016).

As formas como as mulheres se expressam em meio às situações adversas da vida diária representam a evolução delas frente à sociedade, bem como, a compreensão de luta, desejo, revolução de/sobre seus corpos e mentes. A involução feminina ou mesmo o seu estado de conformidade nos fada ao cansaço e a hostilidade. Isso nos impede de sairmos de onde estamos, enquanto que a evolução intelectual, de aceitação, empoderamento são fatores fundamentais para a luta contra a crueldade gritante e ao mesmo tempo silenciosa que se instalou na comunidade brasileira desde os seus primórdios. De acordo com Tiburi (2016), não basta saber quem somos, é preciso fazer saber, que vejamos de onde viemos e o que queremos. Sermos sujeitos de nossas próprias vidas e histórias e lutarmos por respeito à identidade de mulher, o que implica em direitos de cidadãs.

A busca pela liberdade, pela visualização daquela que fora segregada social e politicamente da sociedade, fora (e é) vítima de massacres intermináveis

praticados por um povo machista, civil e legalmente, onde se enxerga o corpo e seus determinantes e não vê os potenciais existentes dentro de cada uma de nós ainda é, nos dias de hoje, um grande desafio. Ocaña, (2015) alerta para a urgência em nível individual e coletivo de que existe a necessidade de as mulheres mudar o caráter e passar a se enxergar, abolindo as influências midiáticas e civis de comportamento e arranjo corpóreo, sendo então possível sua visualização de forma mais humana e democrática.

O demolir preconceitos e desmanchar a imagem da mulher como subalterna ao homem ainda é, nos dias de hoje, um grande desafio, em especial na área de saúde, por exemplo, em que o grosso da mão de obra é feminina, especialmente nas ocupações de menor valorização remuneratória. Além dessa área, ainda temos as mulheres em larga medida exercendo trabalhos ligados às atividades do cuidado, como zeladoras de serviços de limpeza e domésticas. “Não basta haver conquista de direitos, é necessário que possamos exercer a cidadania de forma livre, sem pré-julgamentos e predeterminações” (TIBURI, 2016).

Uma das formas de acessar estes direitos é saber que estamos sendo cercadas ou não deles. Uma análise das nossas vivências no contato com o outro pode ser um caminho, mas para esta pesquisa optei pelo exercício autobiográfico. A autobiografia foi a estratégia para acessar um percurso que foi sendo orientado em livros, filmes e artigos que retratam a vida das mulheres desde a infância até a idade adulta.

A realização deste trabalho se deve a constatação que obtive mediante as leituras e narrativa da minha história de vida, de que a sociedade é tumultuada de informações e transições que influenciam na percepção do corpo e do desenvolvimento da sexualidade feminina. A importância do conhecimento do próprio corpo e de como ele se desenvolve é crucial para superarmos as barreiras da ignorância sobre nós mesmas, bem como a desmistificação de parâmetros estabelecidos sobre a nudez, o erotismo e o prazer sexual. Como as mulheres veem a relação entre si e a sociedade e seus direitos de expressarem-se de forma mais confortável, seus desejos e sensualidade. Compreender como se desenvolve tais parâmetros e como podemos vivenciar isso sem culpas e acusações ainda é um grande desafio social.

Os objetivos desta pesquisa envolvem a evidenciação de como se dá a formação conceitual da sexualidade feminina, incluído os tabus que operam os

sentidos da sexualidade da mulher e evidenciam a produção de sentidos. Para isso foi narrada a minha trajetória como mulher, desde a mais tenra idade até a vida adulta, na qual fui desvelando outros elementos como o fato de ser negra, pobre, vítima de abuso sexual na infância e na vida adulta, e que agora sigo um caminho em busca de desvencilhar-se dos preconceitos que me submeteram a crer que os agressores tinham razão e eu por ser mulher era culpada das minhas atitudes.

Rompendo com os mitos e crenças, das quais também faço parte encontro em cada passo uma razão continua e necessária de seguir neste percurso, levando outras mulheres a pensar e agir sobre seus próprios caminhos.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que de acordo com Minayo (2001), trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Com base nesta natureza de pesquisa em que se admite o investigado não como objeto, mas sim como sujeito da sua história, optei por relatar a minha própria vivência com o acesso ao referencial bibliográfico sobre o assunto sexualidade feminina cruzando a teoria com a minha própria história de vida.

A proposta de trazer uma narrativa da própria história de vida rompe no mínimo com dois conceitos estabelecidos na ciência e abre a possibilidade de um novo fazer científico que ultrapassa os modelos generalistas. Aqui se rompe com a ideia de que a análise se faz diante das totalidades em que a repetição dos casos estabelece um critério de verdade e também com o conceito de neutralidade científica. Segundo Moura et al (2016) romper com o mito da neutralidade científica é a condição para estabelecer uma ciência que cria e se recria continuamente com e pelos sujeitos. Essa abordagem possibilita uma identidade com o que se produz, permitindo uma aprendizagem pautada no reconhecimento e não na estranheza ou ineditismo das produções inócuas e distanciadas da vida.

A autobiografia suscita uma metodologia capaz de atuar na singularidade do eu e assim ampliar para as tantas outras histórias em torno dessa relação complexa mediada pelos conceitos de gênero estabelecidos por padrões socialmente aceitos. É em síntese a possibilidade de romper com a ideia de ver o todo para entender a parte e sinaliza pela oportunidade de olhar para a parte e compreender a parte que

representa e está inserida no todo. Não se trata de uma história que gera produtos de vencedores e sim de uma história que coloca o sujeito como alguém que coparticipa ativamente na condução dos conceitos vivenciados.

Desde vários anos atrás, houve uma progressiva recuperação do método autobiográfico na Antropologia, na Sociologia, na Psicologia Social e na Pedagogia. O ser humano recupera o protagonismo, em relação às excessivas abstrações e à desumanização do cientificismo positivista. Pujadas (1992); Santamarina e Marinas (1995) afirmam que esse fenômeno traz uma característica ou sintoma de uma época que podemos chamar de sintoma biográfico (ESTEBAN, 2010, p. 153).

Uma história de vida traz consigo um emaranhado de outras histórias que compõe um cenário diverso, com concepções culturais familiares e sociais que vão compor um cenário no qual perfilam saberes, sonhos e esperanças. Todos estes elementos que ora geram acordos e convivências, em outros alimenta os conflitos que direcionam atitudes e decisões.

O recurso à narrativa autobiográfica inscreve-se na ideia de que, ao narrarmos episódios com significado, os analisaremos de uma forma contextualizada, tentando que essa análise ponha em evidência emoções, experiências ou pequenos fatos marcantes, dos quais antes não nos tínhamos apercebido (FREITAS e GALVÃO, 2007, p. 2).

O relato de uma história de vida traz consigo também inúmeras possibilidades de conhecer pelas palavras de quem escreve ou fala do cotidiano, tais como as cores, formas, sabores, odores e sons. É também um espaço de assuntos íntimos que revelam o quanto o caráter subjetivo das relações e interações humanas são particulares e ao mesmo tempo coletivos.

Segundo Bolívar (2002) a pesquisa com o uso de narrativas não se refere apenas a uma metodologia qualitativa, mas a uma perspectiva específica para a pesquisa em Educação, a qual pressupõe uma mudança no que se entende como conhecimento em ciências sociais. Ao contrário da abordagem positivista que valoriza a objetividade e reforça o distanciamento entre o pesquisador e o sujeito, as narrativas se assumem subjetivas e valorizam a subjetividade: convidam os sujeitos a falarem sobre si mesmos, dá-lhes a palavra.

O acesso ao mundo que uma autobiografia revela traz conteúdos que ultrapassam o mundo do autor e assim é que temos o objetivo de que esta autobiografia suscite aos leitores a oportunidade de se encontrar em suas próprias histórias, seja pelo princípio da similaridade ou da negação.

La investigación biográfica y narrativa en educación, en lugar del modo de cientificidad dominante en la modernidad, reclama otros criterios, superadora del contraste establecido entre objetividad y subjetividad, para basarse en las evidencias originarias del mundo de la vida. Como modo de conocimiento, el relato capta la riqueza y detalles de los significados en los asuntos humanos (motivaciones, sentimientos, deseos o propósitos) que no pueden ser expresados en definiciones, enunciados factuales o proposiciones abstractas, como hace el razonamiento lógico formal (BOLÍVAR, 2002, p. 3)

O uso de narrativas autobiográficas, isto é, de acordo com método autobiográfico, implica a possibilidade de captar com maior riqueza os significados expostos na narrativa da ação humana e valoriza a singularidade de cada sujeito de pesquisa. Para fechar esta argumentação quero fazer referência também ao texto *Somos Todas Marias* (MOURA, CASTORINO E SELUCHINESK, 2016). Neste texto, a metodologia também foi feita a partir da narrativa autobiográfica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Primeiras aproximações com o tema

O tema sexualidade mesmo sendo abordado por uma pessoa já adulta e cursando o ensino superior, suscitava a dificuldade para entender os preconceitos e tabus reforçado pela cultura em que fui educada. Para garantir um relato em que fosse possível abordar questões tão íntimas foi necessário conhecer outras vivências. Assim destaco a principal obra literária que inspirou a escrita, bem como os filmes que fizeram parte deste processo.

3.1.1 O Livro

“A Vida Secreta das Meninas” de Sharon Lamb (2001) traz uma perspectiva ocultada da vida e do desenvolvimento das meninas e foi uma leitura fundamental para acessar as memórias sobre a minha sexualidade. Este foi composto em cima

do relato de 122 mulheres e meninas das mais diferentes culturas, classes sociais, cores e descendências. Essa miscigenação e mesclagem dão uma dimensão mais esclarecedora ao desenvolvimento sexual feminino. O encontro da autora e suas entrevistadas muitas vezes foi marcado por episódios de vergonha e sentimento de culpa tanto de si e como de seus atos, por parte das últimas. Algo grave que nos transmite o quão grande é a dimensão e a complexidade da imposição de comportamentos esperados. São elas silenciadas, fazendo-as sentir necessidade de esconder seus rostos e suas histórias.

A autora oferece aos leitores, através de relatos de vivências de meninas e mulheres um reconhecimento de comportamentos muitas vezes abscondidos por um manto (imposto) de carinho, amor e feminilidade. A visão de que seus impulsos sexuais e agressivos são “normais” colocam em jogo a definição de quem elas são contra a definição de quem elas “deveriam” ser.

O livro traz duas dimensões oprimidas e ocultadas da vida das mulheres/meninas, são estas: a sexualidade e a agressividade. Isto se dá tanto pelo social, em especial a família, quanto pelo pessoal, já que as garotas são ensinadas que determinados comportamentos são inapropriados ao seu gênero, o que faz com que elas escondam seus impulsos e desejos. Esta consciência e necessidade estão muitas vezes relacionadas a episódios de violência, podendo esta ser expressa em suas diversas formas, estando presente principalmente em ambiente domiciliar. A repressão gera nas meninas o sentimento de culpa pelo desenvolvimento e expressão de sentimentos e comportamentos naturais.

Nos relatos presentes no livro da Sharon Lamb podemos observar que a expressão e o desenvolvimento da sexualidade e da agressividade feminina estão muitas vezes ocultados em brincadeiras secretas. Estas por serem exploratórias e inapropriadas ao comportamento feminino, na visão adulta, são feitas às escondidas, dentro de armários, quartos fechados, porões e sótãos. As meninas são ensinadas desde cedo a participarem de um jogo de sensualidade no qual, mesmo querendo, fazem parecer não querer, condição que fica erroneamente associada ao comportamento natural da mulher. Até mesmo dentro de algumas brincadeiras, entre crianças de sexo oposto, o contato de um com o outro é associado a vergonha e hostilidade, deixando expostas fraturas na amizade entre pessoas de gêneros diferentes, que muitas vezes são levadas para a vida adulta.

O rompimento da ideia de mulher/menina assexuada, cheia de pudor e bem-educada expressa fantasias ousadas e mostram o desejo de ser cobiçadas através de brincadeiras interrompidas na presença de adultos. As brincadeiras infantis de prazer imitam muitas formas de experiência sexual da mulher adulta, mesmo que realizadas de modo inconsciente.

3.1.2 Os filmes

A condição de pobreza, a exploração e a opressão também podem ser observadas no filme “Anjos do Sol” de Rudi Lagemann. Lançado em agosto de 2006, este retrata condições de exploração sexual e comercial de crianças e adolescentes. As cenas são chocantes, pois as meninas são levadas para um lugar onde não tem ideia de como serão tratadas, entretanto sentem muito medo.

A exposição e exploração sexual, social, emocional, psicológica levam as pessoas expostas a terem comportamentos inesperados ao se depararem com as mais adversas situações de vida. Vemos, com determinada frequência em manchetes de jornais casos onde a criança/ adolescente foi abusada e acaba cometendo homicídio e/ou suicídio, aborto, dentre outras ações consideradas inapropriadas socialmente. O que nos leva a pensar que mediante a negligência familiar, social e governamental, esta pode ter sido a única forma que a vítima encontrou de fugir/ resolver o problema.

A inserção destas garotas em contextos abusivos as leva a desenvolver precocemente uma sexualidade mais adulta e agressiva, não características de crianças e adolescentes, o que gera transtornos de personalidade, desenvolvimento e sociais. Através da leitura podemos notar que o contato sexual abusivo é mais evidente em crianças e adolescentes em condições sociais e econômicas mais precárias e que, muitas vezes este comportamento é transferido para outras crianças e adolescentes através de brincadeiras sexualizadas e erotizadas de modo adulto.

A submissão e a opressão feminina é algo “cultural”. O silenciamento está emaranhado a uma história de abusos, onde não raro deparamo-nos com situações cotidianas, estarrecedoras e desumanas. Situação bem representada no filme “O Baixo das Bestas” de Cláudio de Assis, 2007. Este aborda temas sensíveis, como prostituição e exploração de menores. A história é desenvolvida sob condições de vida precárias, marcada pela pobreza, desfavorecimento social e submissão

feminina. A condição da mulher desprotegida é um fator fundamental para o desenvolvimento de atividades abusivas e exploratórias sobre seu corpo físico, social, emocional e psicológico.

Observamos neste filme que embora em muitas condições a mulher esteja posta como vítima ela não é vista desta forma, uma vez que a expressão de seus sentimentos, desejos, medos, anseios é algo inapropriado mesmo em condições adversas. Por trás de mantos conservadores e puritanos a sociedade impõe, de forma agressiva e opressora comportamentos caracterizadores e considerados “corretos” a serem seguidos.

3.1.3 Refletindo sobre outras perspectivas

O acesso a estas informações facilitados por outros recursos que normalmente não estão disponíveis nas escolas, principalmente por conta do seu conteúdo considerado inadequado mesmo que seja para cursos de formação de adultos trouxeram uma reflexão profunda sobre ser mulher em nossa sociedade. A imagem que a sociedade aceita para o público é da mulher santa, mas no privado se apropriam de seus corpos e das suas mentes criando nelas um sentimento de culpa pelos atos do outro. Essa questão foi tratada por Seluchinesk e Castorino (2017), ao apontar que isso reduz e limita o papel da mulher, evocando sempre a imagem da santa que é aceita socialmente, mas que também está sempre ameaçada de se tornar puta. Com base neste temor e em tantos outros mecanismos de controle a imagem da mulher acaba sendo sustentada por elas mesmas como estratégia de defesa para uma violência contínua e silenciosa por isso aceita socialmente.

Outro fator observado foi sobre como a relação das mulheres com o (re) conhecimento do próprio corpo e com o prazer é mediado por ideais de feminilidade que garantem que estas sejam sexualizadas e agressivas na “medida certa”, uma vez que este campo é pertencente ao gênero masculino. Por ser pertencente aos homens são eles que controlam os desejos, pois a mulher deve comportar-se de acordo com suas expectativas ou o sexo que por si só já é uma invasão violenta torna-se agressão que chega até mesmo a morte. Essa relação é tratada nos dois filmes que mostram como a divisão que separa as duas ações são tênues.

Assim se reforça a idealização da boa menina e consequentemente da boa mulher que não permite comportamentos agressivos tampouco fuga aos padrões impostos. Esta formação é cobrada de forma diferenciada, pois as garotas brancas

de classe média são destinadas a serem esposas e por isso precisam ser dóceis. Já as meninas negras e pobres da periferia não recebem a mesma formação já que elas estão destinadas a serem utilizadas como possibilidades de realização de fantasia na qual elas serão a caça. Assim de acordo com cada cultura são preparadas para a defesa, ainda que tenham sempre reforçado em suas mentes que o homem caçador é mais forte e por isso enfrentá-lo traria duras consequências para as mulheres.

Em relação aos demais temas relativos a sexualidade, tais como: menstruação, mudanças corporais, primeiros relacionamentos, assim como na ficção, também na vida não são discutidos. Neste contexto constatamos que existe a possibilidade da menina se desenvolver em meio a constrangimentos, como se essa passagem de fase da vida fosse algo humilhante, culposos e que deve ser negado e escondido. Vemos aí mais uma forma de submissão feminina imposta desde a infância, idealizando seres sem desejos e vontades que devem ter vergonha do desenvolvimento fisiológico de seu corpo, colocadas no “lugar de mulher”.

Esta busca pela perfeição feminina envolve vários aspectos: comportamental, físico, social, modo de falar, andar, vestir. Entretanto no decorrer da vida, o rompimento desses comportamentos é necessário para que haja o crescimento de mulheres saudáveis, decididas, capazes de ter e dar prazer, que lutam contra abusos e explorações de gênero e a favor do que acredita.

Todos estes elementos estão presentes na minha história de vida e vão permear o meu entendimento de quem sou desde a menina até a mulher que escreve a sua própria história para contar, principalmente para as outras mulheres que somos feitas da mesma matéria, temos fatos que se repetem cotidianamente em nossas vivências e que ainda assim somos uma singularidade capaz de surpreender a nós mesmas se falamos sobre nossa sexualidade.

3.2 A Vida

Meu nome até os 4 ou 5 anos de idade não era Fernanda. Era Joelma. Lembro-me bem do dia em que meu pai decidiu mudar meu nome, dizendo algo assim “Joelma não é nome de mulher, é nome de rapariga, ainda mais ela que é regateira desse tanto”. Na época não entendia o que isso significava, e para mim tanto fez a mudança de nome. E de certa forma posso até dizer que gostei; Joelma não combina comigo, sou mais Fernanda.

Natural do município de Lizarda – TO, vivi na zona rural até meus seis anos de idade com meus pais e irmãos. Papai, que hoje tem 92 anos, trabalhava como lavrador, pois de todas as profissões que já teve essa foi e é a que sente prazer em executar. De certa forma ele era um pai inconsequente que nunca pensava no futuro, vivendo o hoje, o agora, sem preocupações, apesar de cuidar bem dos filhos. Essa característica de papai fez com que eu e minhas duas irmãs fôssemos entregues a outras famílias para poder estudar. Disso ele sempre foi muito consciente, apesar de não poder dizer o mesmo de minha mãe.

Ah, minha mãe...as vezes, mas só as vezes tenho dó dela, não sei se assim posso dizer...teve a infância roubada por um pai cruel e sua adolescência e vida adulto jovem foi a mais difícil que eu conheço. Era abusada e violentada, de todas as formas, pelo próprio progenitor durante muitos anos, chegou até a ter uma filha, fruto de incesto e que não me convém falar dela aqui. Pobre mãe, só teve paz após o velho morrer, apesar que ainda hoje ainda tem pesadelos com ele. Aquele velho que tinha a ideia absurda de pensar que suas filhas (minha mãe não foi a única) pertenciam a ele de todas as formas. Minha mãe, uma guerreira, em decorrência das privações que seu pai lhe impunha não teve muita instrução e a princípio não entendia a necessidade de suas filhas estudarem, mas papai a ajudou nisso e hoje ela compreende e até apoia.

De modo geral minha primeira infância foi feliz. Vivia com meus pais em uma fazenda isolada. Alguns episódios foram bem marcantes nessa época, um deles foi a morte de uma cachorrinha que criávamos, a mesma foi mordida por uma cobra peçonhenta; ouvi ela chorar de dor a noite toda, até quando no dia seguinte a pobre faleceu. Chorei, na verdade acredito que sempre amei mais outros animais do que o próprio ser humano, eles são puros de coração. Ainda hoje lembro-me daquela casa com cobertura de palha de coco piaçaba, das paredes de adobe, do quarto... sala... cozinha... palheiro.... a cadeira de fibras disputada por mim e meus irmãos...o pilão... os altos pés de manga que não frutificavam... as vacas na pastagem da porta... Falando assim dá saudade de tudo aquilo, apesar de não querer voltar no tempo. E não sou a única, pois mamãe também não gostaria de voltar para lá, as lembranças dela não são boas.

Mensalmente papai ia na cidade fazer compras, ficávamos ansiosas por sua volta. As vezes ele trazia doces para nós, essa era a melhor parte. Em uma dessas idas, ficou em casa um parente sanguíneo de minha mãe, que ia trabalhar na

fazenda. Não me lembro o que era dela, se irmão, sobrinho, primo... O fato é que ele me violentou, lembro daquele corpo até hoje, apesar de não me recordar do rosto. O mesmo me chamou para irmos buscar manga ou macaúba, em um local um pouco mais distante. Não sei quantos éramos, mas sei que estávamos em grupo. Não sei como, de repente estava eu lá, nua e ele se achegou. Imagino que os outros que haviam ido conosco voltaram para casa e então, mãe, ao não me ver retornar foi a minha procura. Acho que ela sabe do que aconteceu, ficou estranha, mas não fez nada que me lembre.

Algum tempo depois meus dois irmãos mais velhos foram para a cidade, morar com outra família, eles já tinham que frequentar a escola. Morei na fazenda até os seis anos de idade, saímos de lá de forma trágica, já que meu pai estava doente e precisava de tratamento médico urgente. Diziam até que ele não sobreviveria, mas sobreviveu, só lhe restou uma cicatriz e vários medicamentos de uso contínuo. O dia que o caminhão chegou lá para nos buscar foi triste. Não queria ir embora, aquele era meu mundo e estavam arrancando ele de mim de forma drástica e sem avisos. Não compreendia. Confesso que até tempos depois tinha medo de homens. Não ia na casa de meu meio irmão mais velho quando ele estava lá. Eu corria dele, hoje isso se tornou cômico, mas na época não tinha a menor graça. Fiquei com medo de homem até completar uns 12 anos, quando cheguei na clássica fase adolescente.

Vivi com várias famílias durante a infância e adolescência. Em uma delas fui maltratada da pior forma (a psicológica), uma de minhas anfitriãs me falava coisas horríveis. Durante as tardes, em meu contra turno escolar não me era permitido entrar na casa nem para ir no banheiro, me obrigava a ficar na garagem, sozinha, isolada. Lembro-me de algumas vezes quando chegava visita ela dizer que eu ficava lá porque era bicho do mato (e era mesmo, me orgulho de dizer isso). Não gostava dela, que preferia ficar só lá fora a ficar com ela, não nego. Aquela cara carrancuda, com óculos de lentes grossas e os cabelos curtos ficavam e ficam horríveis nela, não levam nada de simpatia. As vezes sinto vontade de vê-la novamente para desmistificar esse monstro, pois talvez nem seja tudo isso que via. Mas tenho uma comprovação de que ela realmente considerava o que fazia comigo errado. Um ou dois dias antes de ir embora ela me ameaçou para que não contasse o que acontecia entre nós dizendo “se você contar alguma coisa do que aconteceu aqui para alguém, vou lá na baixa da égua de onde você nunca deveria ter saído e te

mato”. Conteí isso para muita gente, mas somente uma pessoa acreditou. Enfim ela nunca veio me matar e me jogar na tal baixa da égua. Mesmo com todas as diferenças no dia que fui embora foi um dia triste. Lembro do olhar triste e choroso de meu anfitrião vendo o ônibus partir. Parecia cena de filme americano, mas era a minha vida seguindo seu curso natural. Na verdade, ele me ama (ava) como filha, já que nunca teve uma, era isso que me dizia. Fazia planos para meu futuro: a escola, faculdade, tudo.

Morei então com outra família durante dois anos, este foi um período bom, mas já não me lembrava do rosto de meus pais nem de meus irmãos. Lá tinha uma menina que morava junto comigo e éramos amigas, compartilhávamos muitas coisas, inclusive informações sobre sexo, aprendi muito com ela. Ela é mais velha e me falava sobre muitos assuntos que desconhecia. Tem algo que muitos homens não sabem: mulher fala sobre sexo, falamos muito disso. Compartilhamos muitas informações e fazemos isso em público. Acho que esse é um dos motivos de não ficarmos sem assuntos, não temos frescuras ao falar abertamente sobre isso. Então depois de um tempo voltei para meus pais, pois já não tinham condições de ficar comigo por motivos financeiros.

Aos 12 anos vim morar aqui em Porto Nacional e cá estou até hoje, já sou quase portuense, já que em todo esse percurso fui perdendo minha identidade de para onde voltar. Eu e minhas duas irmãs fomos recebidas por meu meio irmão. Ele foi e é como um pai para nós, assim como a esposa dele foi uma mãe, sou muito grata a eles por isso, apesar de nunca ter lhes agradecido, acho que não compreenderiam isso, já que nunca demonstrei muito afeto. Essa foi minha fase mais difícil, acho que por causa da adolescência e os hormônios em alta. Não sei bem.

No total éramos 4 adolescentes vivendo sob o mesmo teto. A pressão emocional e psicológica subia. Eu era a diferente, a encenqueira, a que brigava por discordar. Algumas vezes ouvi dizerem que não sabiam o que eu tinha, era diferente, com muito potencial, mas que fazia descaso das oportunidades. Minhas irmãs eram mais passivas, doces, meio menininhas. Eu era machona. Acho que me tornei assim, pelo que aconteceu no decorrer da vida, levei muitas rasteiras, mas nunca desisti; já tinha passado por muita coisa que as outras três não passaram, fui perdendo o medo. Mas também tenho uma personalidade de lua, um dia estou bem, no outro não, sou assim, difícil de lidar, como todas as outras pessoas o são. Mas de forma geral posso afirmar que era apenas um comportamento juvenil

Meu irmão era muito rígido, normas militares dentro de casa, conversas sérias. Isso evitou muitos conflitos. Entretanto ele tratava os filhos homens diferente. É machista e acha que homem não precisa de limites, os meninos fazem o que querem, coisa que não acontecia conosco, as mocinhas. Somos boas meninas, todas fazemos faculdade, levamos a vida e os compromissos a sério. Tão sério que as vezes até me surpreende o grau de maturidade de algumas, não o meu é claro. Alguns se espantam com o trabalho que ele fez conosco, outros não conseguiriam o mesmo, garantir índole e ética onde quase não há recursos.

Aconteceu muita coisa nos quatro anos que vivi com ele. Uma coisa que ele fez que nos ajudou bastante foi nos colocar para ler livros literários. Isso foi crucial para desenvolvermos um intelecto mais crítico. Líamos bastante, e confesso que preferia ler romances, apesar de ter me debruçado sobre as mais diversas leituras. De todo, o livro que mais gostei foi Grande Sertão: Veredas, do Guimarães Rosa. Adorava aquele ar rústico e aqueles homens matando e morrendo. Mas principalmente me engajei na luta de Diadorim, com seus cabelos curtos, cortados com tesoura de ouro (se não me falha a memória) e seu rosto liso, sem barba; buscando justiça, ou vingança, não lembro bem e apesar de tudo, no final se deparar com o amor e a morte. O medo que Ariobaldo sentia de ser gay. Dramático. Me fazia lembrar histórias de cangaço que meu pai contava, além de remeter um pouco ao local em que eu vivia, recordar os buritizais e as campinas.

O maior medo de meu irmão era que nós quatro namorássemos algum dos “vagabundos” que moravam ao lado de nossa casa. E sim, eram realmente vagabundos, passavam o dia no fundo do quintal, observando-nos. Falta do que fazer, mas não os julgo, não tinham como ser diferentes, a estrutura familiar deles e a pobreza não favoreciam em nada. Adivinha o que eu fiz? Namorei um deles as escondidas. Foi com esse namoradinho que descobri muita coisa sobre a sexualidade. Tola, me apaixonei por ele. O mesmo saía com tantas outras, mas eu não me importava, mas sabia de tudo. Creio que me acostumei com a ideia de tanto ler casos assim na literatura.

Terminamos o namoro quando meu irmão descobriu o caso, ficou inviável continuar e eu também já não queria mais, perdeu o encanto. Algum tempo depois descobri que ele (namorado) fez uma aposta sobre conseguir transar comigo. Deu nojo saber que as mulheres podem frequentemente estar vitimadas pela gana da

conquista masculina. Quando entrei para o ensino médio, comecei a ficar com meninas, como forma de fugir da submissão masculina.

Me tornei dona de mim com 16 anos, trabalhando e estudando e assim é até hoje. Aconteceu da mesma forma para minhas duas irmãs, inicialmente tudo foi muito difícil, trabalhei durante muito tempo como doméstica e não me envergonho disso, não há porque. Sorte nunca ter tido o azar de lidar com pessoas ruins. Fiquei assim por uns 5 anos, até passar em um concurso público. A minha primeira decisão foi sair da casa do Silvestre, a qual era cedida, já não me agradava a ideia. Preferi me tornar totalmente independente dele. Fui morar com minha irmã mais nova, foi um prazer montar nossa casa.

Quando entrei para a faculdade foi muito difícil pois não tinha transporte para ir e voltar, então decidi usar minha bicicleta para fazer isso. Eu era destemida, não tinha medo, fazia o que tinha que ser feito e pronto. Não escolhi uma faculdade particular, até por que não tinha dinheiro para pagar as mensalidades, entrei como bolsista, assim como minhas duas irmãs também. Pensar muito no passado acaba muitas vezes levantando suspeita sobre coisas que eu já tinha que já não importavam mais. Vejo que ainda estão aí, submersas em um mar de cotidianidades, apenas esperando o momento certo para retomar a superfície.

Sempre gostei de música e este foi meu refúgio nos caminhos longos e vagarosos rumo a mais um dia de tormento. Tudo isso se intensificou em janeiro de 2013 quando entrei para a faculdade. Entretanto, o tormento não era a faculdade ou curso que havia iniciado sem consciência do que seria, e sim as pessoas que estariam comigo, tão frias e tão distantes. É literalmente “estar só em meio à multidão”. Quantas vezes fiz esse percurso com o rosto encharcado em lágrimas? Não saberia responder porque carregava comigo toneladas de ressentimentos e mágoas por tudo que vivi na adolescência.

Na verdade, só entrei para a faculdade porque ouvia as pessoas falarem que precisa estudar e ter um curso superior, fui na onda e parei no ITPAC Porto Nacional. Não discuto a necessidade do estudo ou mesmo da aquisição de uma qualificação profissional ou do desenvolvimento de um intelecto eficiente, não é esta a questão. Falo da forma como isso foi imposto, esse percurso poderia ter sido menos sofrido, mais prazeroso. Preferia virar hippie, fazer uns *dread* e ir rodar o mundo sem destino, sem pensar em volta. Quantas vezes não fiz estes planos? Quantas vezes não pensei em encerrar tudo de forma suicida? Não saberia falar.

Isso me faz chorar só de retomar as lembranças. Talvez seja um princípio de depressão ou desamor, apenas.

Os problemas financeiros afligiam minha casa, mal tínhamos o que comer, não havia muita paz. Se me perguntarem onde meus pais estavam nessa história toda, afirmarei que com certeza estavam omissos, mas não os culpo, não poderiam fazer nada para mudar a situação. E assim nos viramos até os dias atuais, com dignidade e honestidade, falo isso porque apesar de todas as dificuldades passadas em nenhum momento nenhuma de nós fez nada tecnicamente errado. Falando aqui tudo parece muito fácil. Não consigo relatar o que realmente sinto, transferir o que guardo, teria que haver outra forma fora a escrita. Deveria haver...

Entretanto com a aquisição de um trabalho perdi tempo, um ponto negativo. Sou muito feliz por ter a oportunidade de fazer tudo isso, sou, somos (eu e minhas irmãs) privilegiadas por conquistar o que possuímos. Quem diria que as menininhas pobres e magras, filhas de lavradores que saíram literalmente de dentro do cerrado *lizardense* chegariam onde estão hoje? Muitos apostariam que não faríamos metade deste percurso, afortunadamente tivemos estas vitórias.

3.3 Reflexões que a autobiografia permitiu

Quando recorro às experiências de menina sempre vem no pensamento a premissa de que nunca poderia falar sobre isso com pessoas não envolvidas. Entretanto hoje tenho uma maturidade mais desenvolvida em relação ao que fazíamos enquanto crianças. Não sinto culpa ou vergonha, nunca senti. A auto repressão é derivada do medo de julgamento que os adultos fariam sobre nós, aquilo era proibido e seríamos castigadas se descobrissem.

O conhecimento sobre a sexualidade infantil permanece, ainda hoje, como uma terra incógnita para os adultos, como área proibida e assustadora, todavia um território determinado e estabelecido na primeira infância, que contém o material central para a formação da sexualidade do adulto (CONSTANTINE e MARTINSON, 1984).

A sexualidade é uma dimensão humana à serviço da vida porque traz ganhos vinculados às bases fundamentais da felicidade como o exercício do prazer e do amor. Mas vem sendo tratada por desconhecimento como algo em que tudo o que se faz neste sentido é errado. Entretanto a criança demonstra ter outro conceito

como no meu caso que nunca considerei nossas brincadeiras erradas, eram uma forma de cumplicidade, só brincávamos disso quando estávamos sós. Era algo só nosso, era nosso segredo. Eram brincadeiras sexualizadas, exploratórias, de histórias, romances e agressividade em que haviam personagens ou simplesmente eram nós mesmas que estávamos nos divertindo. E ao contrário do que os adultos pensariam se nos flagrassem nos divertindo daquela forma, para nós tratava-se de mais uma forma de brincadeiras "de crianças".

Como afirma Borba (2006), a imaginação, constitutiva do brincar e do processo de humanização dos homens, é um importante processo psicológico, iniciado na infância, que permite aos sujeitos se desprenderem das restrições impostas pelo contexto imediato e transformá-lo. Combinada com uma ação performativa construída por gestos, movimentos, vozes, formas de dizer, roupas, cenários etc., a imaginação estabelece o plano do brincar, do fazer de conta, da criação de uma realidade "fingida".

E é nessa realidade que a criança se permite expressar todas as suas dúvidas, saberes, sensações e sentimentos. São tantas informações e aprendizados que nem tudo é possível ser acessado na memória com clareza, assim não me recordo dos primeiros contatos sexuais, mas tenho um leve flash de memória sobre o medo de ser sequestrada e estuprada por macacos quando ainda tinha aproximadamente cinco ou seis anos de idade.

A partir de uma certa idade, a memória consegue ser selecionada conforme a força e a importância de seu assunto. Aquilo que parece importante para a cadeia de eventos que forma nossa vida permanece registrado; caso contrário, é simplesmente esquecido. Há, porém, uma época em que essa distinção não acontecia, pois o que permanece dela não eram lembranças determinantes para o sujeito. Não lembramos quando começamos a falar, não lembramos quando começamos a caminhar, quando nasce um irmão ou qualquer acontecimento traumático que tenha ocorrido em nossa primeira infância. Mas podemos nitidamente lembrar de objetos e sensações, de cenas e pessoas, sem que tenham tido alguma significação para nós. (FREUD, 1889).

De qualquer modo, ainda que as lembranças sejam direcionadas na vida adulta e não na infância como afirma Freud, as memórias podem trazer vivências

que denotam os fatos, ressaltando que isso estará ligado a percepção do sujeito que relata.

A minha sexualidade foi formada pela curiosidade de conhecer como se compõe outros corpos e o que eles sentem. Não tive uma orientação dos meus pais, até porque eles não falavam sobre isso. Entretanto sempre paira no ar uma ideia de que tem algo proibido sendo feito, por isso fazemos no privado e nunca na presença dos adultos. Chauí (1985), considera que a repressão sexual será tanto mais eficaz quanto mais conseguir ocultar, dissimular e disfarçar o caráter sexual daquilo que está sendo reprimido. E que a repressão sexual se liga a um conjunto de valores, regras estabelecidas histórica e culturalmente para controlar o exercício da sexualidade, pois, como inúmeras expressões sugerem, o sexo é encarado como uma torrente impetuosa e cheia de perigos. Essa é a forma como os pais tem tratado a sexualidade, mas eu não vejo a necessidade de os pais proibirem seus filhos de fazerem certas brincadeiras, já que é algo natural e eminente da condição humana, as quais se desenvolveram as espreitas, em quartos trancados, porões, armários etc., longe do acompanhamento de adultos. Entretanto eu também só adquiri essa visão quando me propus a ler e escrever sobre esse tema de forma reflexiva e teórica.

Dessa abertura decorre o entendimento também que a capacidade de viver certas situações sem culpa e medo na infância é capaz de colaborar para a formação de adultos saudáveis, que lidam bem com adversidades e compreendem melhor como desenvolve o outro. A autossatisfação e autoconfiança, a compreensão de domínio e poder, de moralidade e ética pode ser adquirida nos primeiros anos de vida e compreender isso pode evitar problemas além de ajudar no estabelecimento de relações sociais mais saudáveis. Não que as crianças devam estar imersas de relações precoces, mas que elas possam viver plenamente cada passo de seu desenvolvimento.

A restrição e a opressão feminina vêm desde a infância, a imposição de comportamentos puros e bondosos relacionados a necessidade da aquisição de uma feminilidade doce, passiva e silenciosa acaba por gerar um certo receio nas crianças de contar aos seus responsáveis o que sentem e muitas vezes acontecimentos aos quais vivem. Isso porque segundo Minuchin (1982), a educação sexual familiar abrange todo processo de educação do indivíduo, permeando seu comportamento e sua formação integral em relação aos aspectos da sexualidade. As

crianças aprendem a se comportar pela socialização sexista, notando diferenças físicas entre os sexos e as expectativas sociais para cada um, buscando agir de maneira a satisfazê-las.

Assim, meninos e meninas constroem diferentes percepções como no caso do medo adulto da nudez e da erotização infantil. Uma criança que é reprimida e que aprende que a nudez é uma coisa errada, vai chegar a sua vida adulta com dificuldade de tirar a roupa na frente de outra pessoa. Conforme for o trauma criado por punições e outras formas de castigo ou restrição será ainda mais difícil para romper com a situação que foi construída na infância. Deste modo a tendência será punir e causar traumas semelhantes em outras crianças o que acaba por tirar das crianças o direito de um desenvolvimento pleno e saudável, deixando pelos cantos a incerteza e a confiança. Podendo ser essa uma das explicações para o anonimato de casos de estupro, abusos, explorações, violências, etc. O menor não vê em seu supervisor resolutividade e tem medo das consequências, pois a cultura as quais são inseridas as ensina a omitir, resguardar e reprimir impulsos humanos naturais baseados em uma falsa e conservadora moralidade. Segundo Wolf (1986) apud Flores (2008), no trauma de infância, alguns dos nossos músculos esqueléticos se contraem e não voltam a relaxar, mas retêm a memória corporal, da mesma forma como a mente retém a memória mental do trauma. Quando o músculo se fixa numa posição e não consegue relaxar, pode-se dizer que há uma lembrança guardada no músculo. Diante desta afirmação podemos entender que não é uma consequência apenas emocional, mas também física que inibe as ações e mesmo os sentimentos de quem fora punido, seja de forma leve ou severa.

Outro exemplo clássico é a relação de confiança entre amigas, geralmente as meninas não conversam com a família sobre seus sentimentos, frustrações e relacionamentos, dividindo isso com pessoas de fora do ambiente domiciliar. O conselho de uma amiga de escola, vizinha, prima será melhor atendido do que o de uma outra pessoa de convivência de longa data, pois a outra jovem também compartilha desse sentimento de cumplicidade e promiscuidade. Faço esta afirmação tendo por base eu mesma e crianças e adolescentes com quem convivi intimamente.

Na idade de 8 e 11 anos de idade, eu e minha irmã mais nova, recriávamos atos sexuais e situações de vida adulta de modo que nós, as personagens mulheres eramos as líderes, as donas do poder, as dominadoras, e os personagens homens

ficavam em segundo plano e sempre eram representados, geralmente imaginariamente ou em forma de bonecos inanimados, que simplesmente estavam ali. Isso ajudou-me a superar traumas anteriores porque, em minha cabeça tinha o controle da situação e dos acontecimentos. Foi uma forma de fugir durante o dia dos pesadelos que me assombravam na hora de dormir.

Havia dias em que acordava pela manhã com medo do anoitecer, isso era aterrorizante e normalmente acontecia depois de uma noite difícil. Via monstros ásperos de minha cabeça encherem minha boca até silenciar minha respiração, sentia o pulso de minha jugular frenética mostrando que ainda estava viva. Foram anos e anos assim, não recordo quando isso começou, tampouco se esse sofrimento era fruto de minha imaginação ou algo derivado de um trauma real. Não sei se isso acontece com todas as crianças ou com algumas delas apenas, mas posso afirmar que apesar das más memórias e do pesar diário que vivia isso tudo me fortaleceu e já em minha pré e adolescência fez-me sentir diferente das outras pessoas de minha idade.

Até os 14 anos não sentia atração, tanto física como emocional por meninos, tampouco tinha interesse em saber/conhecer um deles mais de perto. Meus anos mais tenros foram compartilhados com meninas e elas supriam todas as minhas necessidades. Tinha uma ideia meio distorcida dos homens (e suspeito que ainda a tenha) e de seus interesses, não enxergava compensação, vantagens na relação; que seria perda de tempo, apesar da plena ciência de que seus comportamentos são advindos de processos culturais e sociais.

Deixando um pouco de lado as consequências dos atos e voltando a eles na forma propriamente dita, relembrei agora um acontecimento que marcou minha vida. Conforme mencionado no início do texto vou falar das cargas que o estupro ocorrido na infância trouxe aos meus dias. Não sei mencionar aqui o tamanho do impacto advindo, pois as palavras faltariam ou sairiam de modo exagerado. Considero que aquilo não me feriu tanto fisicamente, mas a recordação daquele sujeito me acariciando e tentando me penetrar causa profundo enojo e me faz repensar na vida. Recordo dos olhares de minha mãe quando cheguei em casa logo depois, era uma mistura de consciência e de incapacidade. Para Azevedo e Guerra (1989), todo este emaranhado de sentimentos pode causar uma lesão interna na criança trazendo repercussões sérias na sua capacidade de se relacionar afetivamente no decorrer de seu processo de desenvolvimento integral. A relação de

confiança estabelecida entre as pessoas que estão a sua volta é de suma importância para um desenvolvimento saudável. Portanto, quando a criança sofre violência de qualquer tipo por alguém de sua confiança o dano ainda é mais sério, principalmente quando essa violência fere a sua autoestima e a sua subjetividade como é o caso da violência sexual.

Para minha pessoa o que complicou foi o sentimento de culpa, de remorso por ter permitido que aquilo acontecesse, mesmo sabendo que não teria a menor chance de resistência contra o agressor. Aliás, o fato de não lembrar do rosto e consequentemente não saber de quem se trata me deixa muito apreensiva porque posso até estar diante dele e não ter consciência de quem seja.

A primeira vez que falei do ocorrido para alguém devia ter uns 10 ou 11 anos de idade e não fui levada a sério. Confiei meu segredo a minha irmã e a minha sobrinha, e incrivelmente, elas riram e escreveram aquilo em um diário. A indignação quando descobri aquilo foi tremenda, queria mata-las ou simplesmente sumir do mundo. Foi tanto quanto ou mais traumático que a violência sexual sofrida. E nenhuma delas têm consciência disso, tampouco gostaria que tivessem, este trauma é meu e não quero dividi-lo com ninguém. Desde então passei a ter medo de homens. Seja lá quem fosse não permitia que chegasse perto, eu corria, chorava, esperneava. Foi algo desenvolvido e que deixou profundas marcas e uma insensibilidade em relação ao gênero masculino. Apesar que mentalmente não culpava ninguém por meus atos e não relacionava isso ao ocorrido anteriormente citado.

O distanciamento de meus pais e irmãos teve um impacto singular. Ocorreu quando eu tinha entre seis ou sete anos, foi muita rejeição, opressão e descaso emocional e psicológico. Mas isso teve seus pontos positivos, conheci muita coisa nova, um mundo diferente do que conheceria se estivesse aprisionada em lugar só. Devo ser grata a algumas pessoas por me ensinarem a ver a vida de uma forma diferente da tradicional. Por me mostrarem um caminho não mais divertido, porém com mais descobertas.

Comecei a trabalhar muito cedo, primeiro na casa de meus pais (entre 9 e 12 anos vivia com eles), depois na casa de quem eu e minhas duas irmãs morávamos. Não incomum, éramos babás, domésticas, cozinheiras e em troca recebíamos a oportunidade de estudar, moradia e alimentação. Isso me chateou bastante, foi a época mais difícil de todas, pois além dos afazeres éramos

aprisionadas no domicílio, sem a chance de sair, conhecer pessoas, viver experiências, respirar a liberdade; os momentos livres eram restritos e vigiados de perto. Frequentemente sofriamos chantagens e ameaças. Apesar de tudo, aprendemos a ter responsabilidade e adquirimos o desejo de conquista.

O enclausuramento de desejos e anseios mostrou-me que a liberdade pode não ter tanto valor, e por conta própria decidi aprisionar-me em meu mundo, pois vi que o mundo lá fora está repleto de pessoas hipócritas e egoístas, frutos de uma cultura segregadora e de relações sociais frustradas. A viver uma vida tranquila e agitada ao mesmo tempo. A conquistar o mundo sozinha. A não me importar com o desnecessário.

Numa tentativa de entender essa melancolia misturada com revolta descobri que os autores da psicologia, como este que é citado a seguir, falam sobre um processo em que ocorre a dissociação e a culpa inconsciente são as consequências mais graves do abuso infantil. Dentro dos aspectos afetivos, apontam ainda o sentimento de culpa, sentimento de autodesvalorização e depressão como consequências graves.

O processo de desenvolvimento da personalidade ocorre quando, a fixação previa do desenvolvimento infantil do indivíduo, soma-se ao trauma do abuso. Nessas situações podem ocorrer doenças psiquiátricas como: transtorno do stress pós-traumático, transtorno borderline e antissocial de personalidade, depressão, uso de drogas, delinquência, prostituição e distúrbios ligados à sexualidade do indivíduo (SCHERER, 2003 apud LIMA, 2012), p.40)

No que diz respeito ao desenvolvimento da sexualidade feminina, suas expressões estão doutrinadas e a mesma deve seguir parâmetros rígidos desde a mais tenra infância. É uma moldagem que se inicia desde a definição do se o da criança e perpassa por todas as suas fases de desenvolvimento chegando à velhice. A visão da expressão sexual, e da erotização feminina não deve fugir ao pré-estabelecido, a mulher deve se manter submissa, pura, inocente e frágil mesmo nos casos onde há violência e exploração.

A sociedade utilizando dos entraves culturais impede que a mulher vivencie plenamente - sem culpas e medos - a sexualidade, prazer, nudez e o erotismo impregnando-as de tabus sobre o próprio corpo ou acusando e julgando-as constante e rotineiramente. Através da análise de notícias jornalísticas, podemos

notar que a expressão da sexualidade feminina é suprimida por atos agressivos dos mais diversos níveis de qualificação, se vistos com olhar jurídico. Frequentemente vemos manchetes de casos assustadores, que por sua vez, de tão comuns deixam de serem assustadores, entrando assim na malha do rotineiro e sem valor social.

A agressão contra a mulher é histórica, onde no passado era comum homens, a partir da tomada legal de que a esposa era posse sua, as agredirem de todos os modos possíveis, chegando muitas vezes ao homicídio. Assim também se via pais agredindo filhas. A mulher não tinha voz nem vez, não se falava no direito feminino de lutar e resistir contra os abusos que lhes eram impostos. Isso continua na sociedade atual, entretanto hoje temos uma base legal que as protegem. A não resolução destes casos, bem como a constante impunidade dos autores acabam por permear uma visão de que a agressão contra as mulheres e as minorias, de modo geral é algo grosseiro, banal e comum à nossa cultura. A sociedade deveria ver qualquer tipo de agressão com repúdio e que este fosse seguido de cobrança da punição do agressor.

Podemos ver a impunidade do agressor em casos onde a mulher vítima de ameaças de e/ou agressões faz denúncias e vê seu algoz livre de medidas punitivas, até que este consume um ato de maior gravidade. A justiça tardia acaba por deixar que os agressores acreditem na impunidade e na incapacidade social de barrar seus atos julgando-o frágil e irresoluto. Entretanto atitudes legalmente punitivas podem sim diminuir a proporção do problema, entretanto não o soluciona pois enquanto a mulher estiver socialmente vestida no papel de submissa, o homem vai se sentir no direito de julgá-la, “puni-la”, violenta-la e agredi-la. A mudança desta roupagem é fundamental para que se alcance resultados satisfatórios em relação a este assunto tão delicado.

A Lei Maria da Penha, de acordo com Brasil (2006), entrou em vigor no em 07 de agosto de 2006, como uma legislação que “cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher”, instituiu ainda Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a mulher (Lei nº11.340). A partir desta podemos verificar um maior número de punições e aumento do número de denúncias. Entretanto vemos com determinada frequência casos de abuso coletivo como o caso que ocorreu Zona Oeste do Rio de Janeiro onde uma menor de 16 anos foi estuprada por pelo menos 30 homens. Neste caso, além da agressão sexual, houve ainda a perpetuação da humilhação da vítima através da exposição

da mesma por meio de fotos e vídeos publicadas nas redes sociais (O GLOBO, 2016)

O ocorrido foi noticiado em diversas partes do mundo por meio de manchetes jornalísticas, mas neste caso além da barbaridade do ato abusivo vemos um outro tema tão agressivo quanto este ato cobarde e bárbaro: podemos verificar através de publicações nas redes sociais que uma parcela significativa da sociedade culpa a vítima pela agressão a qual ela vivenciou, tirando-lhe da posição de vitimada, violentada, agredida e colocando-a no lugar agressora. Foi comum vermos piadas sexistas, machistas, irônicas, carregadas de deboche e desprezo no Facebook, Instagram e Twitter. Muitos culpavam a vítima pelo ocorrido, julgando a merecedora da violação sexual, argumentos estes desumanos e infundamentados. A mulher não possui direitos e autonomia sobre o próprio corpo. O fato de uma mulher ser adepta a determinadas práticas sexuais, ir a determinados locais, usar determinadas vestimentas não justifica e nunca justificará uma agressão. Isso não a coloca na posição de provadora e/ou merecedora de qualquer tipo de abuso, a vítima nunca será culpada pelo crime de seu agressor. Vemos que a sociedade despreza a mulher, muitas vezes tratando-a como desnecessária a sua formação e existência, como um ser inferior.

Na era da tecnologia, é comum vermos a exposição de pessoas nas redes sociais, em especial as mulheres e minorias. A divulgação de fotos e vídeos íntimos caracterizam um modo “novo” que a sociedade encontrou para profanar os mais oprimidos, estes por sua vez, sentem-se impotentes diante da exposição e da rápida divulgação destes materiais, tendo muitas vezes que mudar de cidade, trabalho, ciclo social. Um caso noticiado foi o da atriz global Carolina Dieckmann, a mesma teve fotos íntimas divulgadas. A grande repercussão do caso acabou levando a criação da Lei 12.737/2012 que segundo Brasil (2012) pune crimes cibernéticos cometidos pela invasão de aparelhos eletrônicos para obtenção de dados particulares e a divulgação destes. Em meio a comentários, risos e insultos, após a divulgação de materiais íntimos e exposição social, muitas não aguentam o peso da culpa e/ou acusações e acabam se isolando, desenvolvendo depressão ou ainda tentando contra a própria vida. A violação feminina e suas consequências não é algo isolado devendo ser visto como problema de saúde pública.

Na inversão da visão de vítima/agressor vemos casos “comuns” e rotineiros onde uma mulher agride outra por infidelidade de seus companheiros (as). À

“amante” é dado o papel de provocadora, destruidora de lares, vadia, o que coloca o homem na posição de vítima da mulher “sem princípios”. Esquece-se que a “amante” não tinha um compromisso firmado com a pessoa traída, embora ela seja considerada culpada pelo adultério que o homem comete. Verificamos assim que não é difícil encontrar notícias jornalísticas que relatam os mais diversos tipos de abusos sofridos pelas mulheres. No dia-a-dia isso é constante e de tão comum deixa de ser assustador presenciarmos ameaças e até atos consumados de agressão dos mais diversos modos. Ao refletirmos isso como um problema social, verificamos a necessidade de buscar uma resolução. Entretanto nos deparamos com obstáculos que complicam em demasia este processo, uma vez que o machismo e sexismo estão entranhados na cultura, na vida cotidiano de homens e mulheres e que passam por gerações, perpetuando-se. Somente um processo de reeducação social seria capaz de alterar essa submissão do feminino em relação a masculino.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi uma oportunidade ímpar de refletir sobre as tantas nuances que a sexualidade feminina pode trazer à baila. Falar de uma história trouxe as muitas histórias que compartilhamos enquanto mulheres e que nem sempre sabemos ou entendemos que são similares. Existe um afastamento dos sentimentos das mulheres em relação as outras. Eu que pouco me preocupava com uma dimensão de unidade entre as condições similares de violência a qual somos todas submetidas fiquei impressionada com o livro e os filmes.

Também fiquei surpresa que ainda nos dias atuais, a independência e a evolução do gênero feminino em relação ao desenvolvimento de papéis e posturas sejam consideradas como ameaça à soberania masculina. A desigualdade continua sendo a mesma, pois ainda que as mulheres sejam a maioria nas universidades e tenham melhor qualificação, o mercado de trabalho as considera como inferior no desempenho das atividades e assim justifica os salários mais baixos e os raros cargos de lideranças, quando comparado com os homens. Mesmo que já hajam muitas pesquisas, movimentos, grupos que lutam pela liberdade, autonomia feminina e pela igualdade entre gêneros, vemos que de modo geral a mulher está envolta em uma camada espessa de informações as quais são carregadas de dados, notícias, conceitos, crenças, doutrinações que não colaboram para o desenvolvimento de sua independência em amplos aspectos, tampouco para o desenvolvimento de uma

liberdade que não cabe apenas no direito de decidir o que, como, quando, onde fazer algo ou mesmo o que usar e como se portar. Não é só ter a liberdade do que ser, precisa ainda ter o direito à não doutrinação, a não obrigação, a não responsabilização de atos alheios relacionados ao seu modo existir.

O desenvolvimento da pessoa humana precisa deixar de ser mediado por conceitos machistas para que a mulher não sofra desumanidades vindas de pessoas carregadas de preconceitos e princípios ultrapassados, por uma sociedade que possui uma cultura fracassada neste quesito. Para que isto ocorra de modo coerente é necessária uma quebra de paradigmas, de conceitos estabelecidos pelas culturas, pelas religiões e pelas crendices sociais. Um sofrimento injusto e desnecessário não cabe na mais bem elaborada justificativa.

Vejo desde a permissividade masculina à opressão da mulher justificada nos contextos sociais, a estagnação das formas atuais de educar as crianças, em especial as femininas deixam um vazio enorme no emocional e psicológico das pessoas, pois vejamos: como explicar a uma criança que ela não deve agir de determinada forma somente pelo fato de “ser rapazinho” ou “ser mocinha”? Essa é uma pergunta sem resposta pois não há como se justificar preconceitos, desigualdades e misoginias de forma coerente e responsável.

As leituras que faço agora depois de ler livros, ver filmes e contar a minha vida sobre ser mulher tem uma outra dimensão. Constatei que crescer em meio a uma cultura heteronormativa pode tornar traumático desenvolvimento de crianças e adolescentes, favorecendo o isolamento social, o sentimento de revolta até mesmo o surgimento de doenças e transtornos e também na facilitação e estímulos a casos de violências e abusos. É necessário mudar a forma de educar as crianças para que possamos produzir adultos saudáveis e capazes de se verem como seres iguais. A enfermagem pode fazer parte deste processo.

Assim transcendo meus conhecimentos também para a minha profissão, pois a enfermagem tem papel fundamental no identificar de casos de violências e na prevenção destas, uma vez que na área da saúde é a equipe que mais tem contato com a sociedade. O estabelecimento de um diálogo acolhedor, do ouvir e da expressão de solidariedade e compreensão colaboram no encorajamento das vítimas a fazerem a denúncia policial, caso seja necessário. No meio social a enfermagem pode estar trabalhando com a formação de grupos de mulheres, rodas de conversa e debates, estabelecendo diálogos e divulgando informações

pertinentes à violência, abusos não só contra as mulheres, mas também contra todos os que necessitarem de ajuda. As multiplicações de atitudes positivas acabam semeando ideias mais humanizadas e geram atitudes boas para o desenvolvimento social. Cabe aí, mais um papel à enfermagem: o ouvir, o falar, o humanizar o atendimento e a saúde do indivíduo e da sociedade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Cláudio. *Baixio das Bestas* (filme). Brasil: Imovision, 2007.

AZEVEDO, M. A. Consequências Psicológicas da vitimização de Criança e Adolescentes. In: M.A AZEVEDO & V.N.A. GUERRA (Orgs.). *Crianças Vitimizadas: a Síndrome do Pequeno Poder*. São Paulo. Iglu. 1989.

BOLÍVAR, A. (2002). ¿De nobis ipsis silemus? Epistemología de la investigación biográfico-narrativa. *Revista Electrónica de Investigación Educativa (REDIE)*, vol. 4 (1). Disponível em: <http://redie.ens.uabc.mx/vol_4_n.1/contenidobolivar.html>. Acesso em: ago. 2017.

BORBA, Ângela M. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BRASIL, MEC/SEB Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade/ organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Rangel, Aricélia Ribeiro do Nascimento – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

BRASIL. **Lei Nº 11.340, de 7 de Agosto de 2006**. Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm> Acesso em: 28 out 2017.

_____. **Lei Nº 12.737, de 30 de Novembro de 2012**. Brasília, 2012. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12737.htm > acesso em: 09 nov. 2017.

CAETANO, M. R. V.; GOULART, T. E. S.; SILVA, M. S. Ensaio sobre a heteronormatividade: modos curriculares de aprendizagem das sexualidades e do gênero. **Revista Atos de Pesquisa em Educação**. Blumenau / SP, vol. 11, n. 2, ago. / nov. 2016, p.634-655.

CASTORINO, A. B. Quando as mulheres morrem. T1 Notícias, em Debate. Nov. de 2015, Palmas / TO. Disponível em: <<http://www.t1noticias.com.br/em-debate/quando-as-mulheres-morrem/71490/>>. Acesso em: 31 out. 2016.

CASTRO, R. P. “O Homem pode tudo”... “A mulher é um sexo inferior! ”...: discutindo sexismo, machismo e violência contra as mulheres na formação em pedagogia. In. IV Simpósio Internacional de Educação Sexual: Feminismo, Identidades de Gênero e Políticas Públicas. Juiz de Fora, 2015. **Anais** Faculdade de Educação – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora / MG, V. 4, Nº.1, abr. de 2015.

CONSTANTINE, Larry L. MARTINSON, Floyd M. **Sexualidade infantil**: novos conceitos, novas perspectivas. São Paulo, Roca, 1984.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual**: essa nossa (des)-conhecida. 9ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ESTEBAN, M. Paz Sandin. **Pesquisa qualitativa em educação**: fundamentos e tradições. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FREITAS, F. de; GALVÃO, C. O uso de narrativas autobiográficas no desenvolvimento profissional de professores. *Ciências & Cognição*; Ano 04, vol. 12, 2007. Disponível em: <www.cienciasecognicao.org>. Acesso em: jun. 2017.

FLORES, Vanda de Souza. **Traumas da Infância e suas consequências nas várias etapas da existência humana**. Salvador, 2008. Monografia de curso de especialização realizado no Grupo Omega de Estudos Holísticos Transpessoais, junto ao INCISA.

FREUD, S. Lembranças encobridoras. In: S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 3, pp. 285-304). Rio de Janeiro, RJ: Imago. Trabalho original publicado em 1899.

LAGEMANN, Rudi. *Anjos do Sol* (filme). Rio de Janeiro: Globo, 2006.

LAMB, Sharon. **A vida secreta das meninas**. São Paulo: melhoramentos, 2001.

LIMA, Isabel Vieira Braz de Lima. Consequências Psicológicas do abuso Sexual na Infância e Adolescência: uma ferida invisível. Juína-MT, 2012. Disponível em: <<http://www.site.ajes.edu.br/direito/arquivos/20131030201243.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

LIMA, E. SOUZA, R. T. Violência Simbólica e as Relações Étnico-raciais. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas / TO, V. 4, N. 2 – 2016, p. 95-103.

MENEGON, C; SILVA, E. W. A sexualidade feminina e a psicanálise: rompendo as amarras da moral sexual cristã e do sexo como reprodução. **Periódico do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Direito Centro de Ciências Jurídicas - Universidade Federal da Paraíba / PB**. Vol. Nº 03, p. 122-139, 2015.

MESQUITA, M. R. J; ALMEIDA, I. N. S. Feminismo: Gênero, Divisão Sexual do Trabalho e Suas Configurações na Sociedade. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas /TO, v.4, n. 2 – 2016, p. 175-186.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001

MINUCHIN, S. Um modelo familiar. In: MINUCHIN, S. **Famílias, funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, p.52-69, 1982

MORAIS, J. A. **“Liberdade ainda que vadia”**: uma etnografia sobre a Marcha das Vadias do Rio de Janeiro 2013. 2015, 163 f. Dissertação (Mestrado em Ciências

Sociais) Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora / MG, 2015.

MOURA, V. M. P; CASTORINO, A; SELUCHINESK, R. D.R. Somos todas Marias. Ver. Humanidades e Inovação. 2016.

OCAÑA, J. Z. **Buceta Subversiva**: Corpo, Sexualidade e Desejo no Zine Garota Siririca. 2015, 113 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio grande do Sul, 2015.

O GLOBO. Vítima de estupro coletivo no Rio conta que acordou dopada e nua. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/vitima-de-estupro-coletivo-no-rio-counta-que-acordou-dopada-e-nua.html>> Acesso em: 28 de out. 2017.

SELUCHINESK, R. D. R.; CASTORINO, A. B. Mulheres do Brasil: a cultura da visibilidade de corpos que submete a pessoa que o carrega. **Anais**. 13º Congresso Mundos de Mulheres (MM) & Seminário Internacional Fazendo Gênero 11. Florianópolis: UFSC, 2017.

SEPULVEDA, D.; SEPULVEDA, A. J.; LUZ, L. O. F. A sexualidade e o gênero nos cotidianos das escolas: a questão da diferença e o padrão heteronormativo, **Anais**. 4º Seminário Internacional de Educação e Sexualidade e 2º Seminário Internacional de Estudo de Gêneros: Fundamentalismos e Violências; Vitória / ES, 16, jul. 2016, 16 p. Disponível em: <http://www.gepsexualidades.com.br/resources/anais/6/1467406672arquivos_asexualidadedegeneronoscotidianosdasescolas3.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2016.

SILVA, B. C. S. L.; OLIVEIRA, J. F. Z. C. Ideologia Heteronormativa: Uma Crítica à Luz da Teoria *Queer*. **Anais**. 4º Seminário Internacional de Educação e Sexualidade e 2º Seminário Internacional de Estudo de Gêneros: Fundamentalismos e Violências; Vitória / ES, jul. 2016. 16 p. Disponível em: <[http://www.gepsexualidades.com.br/resources/anais/6/1467402564_arquivo_heteronormatividadeeteoriaqueer\(2\).pd](http://www.gepsexualidades.com.br/resources/anais/6/1467402564_arquivo_heteronormatividadeeteoriaqueer(2).pd)>. Acesso em: 24 de out. 2016.

TIBURI, M. A violência natural contra as mulheres e a administração da ignorância. **Revista CULT**, São Paulo / SP, novembro de 2015. Publicado dia 08/11/2015, disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2015/11/a-violencia-natural-contra-as-mulheres-e-a-administracao-da-ignorancia/>>. Acesso em: 01 nov. 2016.

TIBURI, M. Educação para o Machismo. **Revista CULT**. São Paulo / SP, novembro de 2015. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2015/09/educacao-para-o-machismo/>>. Acesso em: 01 nov. 2016

VELOSO, V. L. COSTA, R. M. A voz do povo: Análise de Conteúdos dos Comentários em Notícia Sobre Violência Contra Mulher. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas / TO, v.4, n. 2 – 2016, p. 135-145.